

**Fuente:** Jornal do Brasil

**Fecha:** 18 de noviembre de 2008

**Título:** Cai número de mortes entre menores de cinco anos no Brasil

**Link:** <http://jbonline.terra.com.br/extra/2008/11/18/e181124664.html>

## Cai número de mortes entre menores de cinco anos no Brasil

Luciana Abade, Jornal do Brasil

BRASÍLIA - A meta de redução da mortalidade infantil imposta ao Brasil pela Organização das Nações Unidas (ONU) será alcançada quatro anos antes do prazo. Em 2011, o índice geral brasileiro será de 14,4 mortes para cada grupo de mil crianças menores de um ano de idade nascidas vivas. A estimativa do Ministério da Saúde baseia-se no estudo Saúde Brasil 2007 que constatou a queda anual de 5,2% na mortalidade infantil. A meta era uma queda anual de 2,9%. Em 2000, o número de óbitos entre crianças de até um ano foi de 95.736. Em 2005 caiu para 69.095.

A Região Nordeste foi a que apresentou a maior redução na taxa de mortalidade infantil, 23,7%, comparado a outras regiões brasileiras. As regiões Sudeste, Sul, Norte e Centro-Oeste apresentaram queda de 21,1%, 19%, 18,7% e 14,7% respectivamente.

As principais causas da mortalidade infantil são as malformações congênitas, as doenças infecciosas e as do aparelho respiratório. As doenças que ocorrem entre a 28ª semana de gestação até sete dias depois do parto foram responsáveis por metade das mortes em menores de um ano de idade entre 2000 e 2005.

A mortalidade na infância – menores de cinco anos de idade – também caiu. Foi de 107.013 para 82.448 entre 2000 e 2005. No Rio de Janeiro, a queda de óbitos de crianças dessa faixa etária foi de 17,3%. Em São Paulo foi de 21,4%. A menor queda foi no Distrito Federal, 8,6%, enquanto a maior foi no Paraná, 25,6%.

– O avanço do Brasil foi construído com um conjunto de ações que ultrapassou a área da saúde – explicou a coordenadora da Área Técnica de Saúde da Criança do Ministério da Saúde, Elsa Giugiani.

– Os problemas de distribuição de renda, o investimento em saneamento básico e o aumento nas taxas de aleitamento materno foram fatores fundamentais.

Caminho longo

Apesar dos avanços, o Brasil ainda está longe de alcançar a marca de países como Japão e Chile que registram apenas cinco óbitos para cada mil nascidos vivos. Para a chefe da Unidade Neonatal do Hospital Universitário da Universidade de São Paulo (USP), Silvia Ibidi, o Brasil ainda vai demorar a atingir essa marca:

– Ainda tem muito para a gente fazer. É preciso investir na assistência ao pré-natal e ao parto. E, para isso, é preciso muito investimento em saúde. A meta de 14 óbitos por mil nascidos é possível, mas ainda estamos longe de números como os do Chile.

Outro fator preocupante é a morte de crianças indígenas. Enquanto em 2006 a média de mortalidade infantil no Brasil era de 20,6, entre as crianças indígenas era de 48,6. Enquanto houve queda na mortalidade na infância em todos os Estados da federação, na população indígena a mortalidade entre os menores de cinco anos passou de 0,7% em 2000 para 1,2% em 2005.

Os óbitos na infância entre os pardos aumentou 35% entre 2000 e 2005. O percentual de mortalidade se manteve estável nesse período entre as crianças brancas e pretas.

Para Sílvia, investir na educação das mães é fundamental para diminuir a mortalidade infantil e na infância. Quanto menor for a escolaridade da mãe, maior é o percentual de óbitos na infância por doenças infecciosas, parasitárias e por causas mal definidas. Em contrapartida, como mostra o estudo, para as mães com maior grau de escolaridade, maiores as proporções de mortes por doenças originadas no período perinatal e mal formação congênita.

– Temos muitos motivos para comemorar – acredita o diretor do departamento de Análise de Situação de Saúde (DASIS), Otáliba Libânia. – Mas preocupa os patamares elevados de mortes das nossas crianças.